

NARA DANIELA DA SILVA VIEIRA

**AS CONTRIBUIÇÕES DA MAIÊUTICA SOCRÁTICA PARA A
FORMAÇÃO CRÍTICA-REFLEXIVA DO PEDAGOGO**

GOIÂNIA

2025

NARA DANIELA DA SILVA VIEIRA

**AS CONTRIBUIÇÕES DA MAIÊUTICA SOCRÁTICA PARA A
FORMAÇÃO CRÍTICA-REFLEXIVA DO PEDAGOGO**

Monografia elaborada para fins de avaliação parcial na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso – TCC II, Curso de Pedagogia, da Escola de Formação de Professores e Humanidades, da Pontifícia Universidade Católica de Goiás.

Professora Orientadora: Ma. Norma A. Cardoso.

GOIÂNIA

2025

NARA DANIELA DA SILVA VIEIRA

AS CONTRIBUIÇÕES DA MAIÊUTICA SOCRÁTICA PARA A FORMAÇÃO CRÍTICA-REFLEXIVA DO PEDAGOGO

Apresentação de TCC, na modalidade de TCC, no Curso de Pedagogia, da Escola de Formação de Professores e Humanidades da Pontifícia Universidade Católica de Goiás.

Prof./a Orientador/a: Ma. Norma A. Cardoso

Assinatura

Conteúdo: (até 7,0) _____ ()

Apresentação Oral: (até 3,0) _____ ()

Prof./a Convidado/a: Me. Mardônio Pereira da Silva

Assinatura

Conteúdo: (até 7,0) _____ ()

Apresentação Oral: (até 3,0) _____ ()

Nota Final: _____ ()

Goiânia, ___/___/2025

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à minha família, em especial aos meus pais, pelo apoio inabalável em cada etapa da minha jornada. Vocês são a fonte da minha força e inspiração por tudo o que alcancei até aqui.

“[...] Sócrates opera uma revolução no tradicional quadro de valores. Os verdadeiros valores não são os ligados às coisas exteriores, como a riqueza, o poder, a fama, e tampouco os ligados ao corpo, como a vida, o vigor, à saúde física e a beleza, mas somente os valores da alma, que se resumem, todos, no conhecimento”.

(Reale; Antiseri, 2003, p. 95).

AS CONTRIBUIÇÕES DA MAIÊUTICA SOCRÁTICA PARA A FORMAÇÃO CRÍTICA-REFLEXIVA DO PEDAGOGO

Nara Daniela da Silva Vieira¹
Norma Aparecida Cardoso²

RESUMO: O presente estudo tem como objeto central de investigação o tema “As contribuições da maiêutica socrática para a formação crítica-reflexiva do pedagogo”, com o intuito de investigar como podemos compreender a maiêutica socrática e suas contribuições para a formação do pedagogo na atualidade, visando analisar como essa abordagem filosófica pode favorecer práticas docentes mais críticas e reflexivas, por meio do uso de seus métodos como instrumentos formativos. Trata-se de uma pesquisa de cunho bibliográfico e está fundamentada nas referências de autores relevantes para o tema em discussão, como: Reale (1990); Reale e Antiseri (2003); Jaeger (1995); Freire (1987;1991;1996; 2001); Libâneo (2014), entre outros. Ao valorizar o pensamento dialógico, destacamos a necessidade de superar práticas pedagógicas tradicionais, focadas na mera transmissão de conteúdos, em prol de uma educação que incentive a autonomia e o compromisso social. A maiêutica, como método de escuta e questionamento, provoca o sujeito ao pensamento reflexivo sobre a sua realidade e sobre a produção de saberes significativos, tornando-se uma forte referência para a formação continuada do pedagogo na atualidade. Nesse sentido, o estudo realiza um diálogo entre a maiêutica socrática e a pedagogia libertadora de Paulo Freire, analisando pontos em que estas duas referências possibilitam, a reflexão crítica-reflexiva ao educando. Importante lembrar os diferentes contextos históricos e as diferentes concepções que marcam a base epistemológica de suas teorias. Com base nisso, o pedagogo é entendido, portanto, como mediador do conhecimento, responsável por incentivar o pensamento crítico e promover transformações na sociedade através e pela educação. O estudo concluiu, neste sentido, que a formação docente deve ser contínua, dialógica e comprometida com a emancipação do ser humano.

Palavras-chave: Maiêutica Socrática. Pedagogia Libertadora. Formação do pedagogo.

¹ Acadêmica do Curso de Pedagogia da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás).

² Professora mestre do curso de Pedagogia da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás).

SUMÁRIO

| | |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| INTRODUÇÃO..... | 7 |
| 1 O MÉTODO SOCRÁTICO: A MAIÊUTICA | 9 |
| 2 A FORMAÇÃO CRÍTICO-REFLEXIVA DO PEDAGOGO PARA A TRANSFORMAÇÃO SOCIAL: UM DIÁLOGO COM A PEDAGOGIA LIBERTADORA DE PAULO FREIRE | 17 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 27 |
| REFERÊNCIAS | 29 |

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem o intuito de apresentar a maiêutica socrática como um referencial importante para o pedagogo, podendo contribuir para a mudança das práticas docentes de forma mais reflexiva, ao mesmo tempo possibilitar ao estudante e ao professor aprenderem um com o outro através do surgimento de novas ideias que partem de uma busca pela verdade científica, social, política e coletiva em que estão inseridos. Trata do tema “As contribuições da maiêutica socrática para a formação crítica-reflexiva do pedagogo”. Propõe investigar como podemos compreender a maiêutica socrática e suas contribuições para a formação do pedagogo na atualidade.

Este estudo surge dos meus questionamentos durante a minha formação no curso de Pedagogia e da minha experiência na escola, em que a formação crítica e reflexiva é fundamental para a prática pedagógica desse professor. Refere-se, portanto, a uma pesquisa que objetiva compreender a maiêutica socrática e sua contribuição para a prática de pedagogos na atualidade em um diálogo com a pedagogia libertadora de Paulo Freire.

Procura, então, refletir que há uma necessidade urgente de ressignificar o sentido da escola no cotidiano docente, enfatizando a formação intelectual em todos os processos das dimensões dos conteúdos de ensino na prática pedagógica, possibilitando, para além de sistematização do conhecimento, uma transformação na formação social do estudante.

Trata-se, de uma pesquisa de cunho bibliográfico, em que se utiliza diferentes fontes, incluindo livros, artigos científicos, dentre os quais foram selecionados autores considerados mais relevantes para o estudo, como: Reale (1990); Reale e Antisere (2003); Jaeger (1995); Freire (1967; 1987; 1991; 1996; 2001) Libâneo (2014) entre outros.

Sendo o professor aquele aluno que nunca para de estudar, deve desenvolver sempre um pensamento mais elaborado, objetivando a intelectualidade filosófica. Para isso, uma de minhas hipóteses para o estudo aqui realizado é pautada na maiêutica socrática, que apropria o próprio professor e estudantes como aprendizes do cotidiano escolar, possibilitando a aprendizagem ser processada e pensada, recriando outras possibilidades que permitam ser a formação continuada de professores o cerne do processo de socialização e conhecimento como forma de humanização dos estudantes através do conhecimento.

Neste sentido, este trabalho foi elaborado na perspectiva de realizar reflexões pautadas no método socrático que reconhece que o conhecimento não está apenas nos livros ou teorias, mas também nas experiências vividas em sala de aula, possibilitando que aprendam uns com os outros, questionando práticas e compartilhando estratégias eficazes. Visando o aperfeiçoamento da produção intelectual e pedagógicas na prática escolar, para que possa promover um aprendizado, dinâmico, reflexivo e colaborativo, contribuindo para processo contínuo profissional dos educadores para a transformação social.

O trabalho se estruturou em dois capítulos. O primeiro, intitulado “O método socrático: a maiêutica”, discorre sobre os fundamentos do pensamento de Sócrates, especialmente o método da maiêutica, destacando sua relevância filosófica e seu potencial educativo. O capítulo apresenta a origem e o significado do conceito, os princípios socráticos e a importância do diálogo na construção do conhecimento, relacionando essas ideias à formação do educador.

O segundo, “A formação crítico-reflexiva do pedagogo para a transformação social: um diálogo com a Pedagogia Libertadora de Paulo Freire”, busca estabelecer conexões entre a maiêutica socrática e a pedagogia freireana, evidenciando como ambas contribuem para a formação de um pedagogo comprometido com a autonomia, a criticidade e a transformação da realidade social.

Conclui-se um esforço teórico voltado para a valorização do pensamento dialógico e para a superação de práticas pedagógicas tradicionais, ainda marcadas pela centralidade do professor e pela simples transmissão de conteúdo.

Considero, por fim, que a reflexão sobre a maiêutica como prática filosófica voltada ao autoconhecimento e ao pensamento crítico, bem como a pedagogia libertadora, como eixo transformador da prática educativa, constituíram um esforço teórico fundamental para a valorização do pensamento dialógico e para a superação de práticas pedagógicas tradicionais, ainda marcadas pela centralidade do professor e pela simples transmissão de conteúdos.

1 O MÉTODO SOCRÁTICO: A MAIÊUTICA

O presente tema, tem a finalidade de destacar as contribuições da maiêutica Socrática como um importante conhecimento para a formação do pedagogo nas suas práticas pedagógicas. O método socrático possibilita, através da reflexão filosófica e científica a valorização do humano como indivíduo subjetivo e singular no seu processo de humanização, compreendendo que é herdeiro de saberes que o antecedem ao longo das eras, alargando a compreensão do pensamento e demonstrando como ela é essencial para a formação intelectual e integral. Sendo assim, o presente estudo subsidia-se nos registros do método socrático do diálogo, do qual para os fins desta pesquisa, recorta-se, o fundamento e método da maiêutica, com enfoque na educação escolar, onde o educador licenciado vai atuar na formação de pessoas, podendo assim, contribuir com o desenvolvimento de indivíduos autônomos, críticos, criativos, éticos, na construção do seu conhecimento e nas suas relações na sociedade.

Este capítulo centra-se na apresentação do método da maiêutica, desenvolvido por Sócrates (470 a.C. – 399 a.C.), que defendia um diálogo crítico, propondo, com base na arte do questionamento de diversos assuntos, o nascimento de novos conhecimentos, além de destacar o filósofo Sócrates, seu método da maiêutica e porque ele pode ser considerado educador.

Antes de discutir sobre o método socrático é essencial entender o que é filosofia e qual é o papel desta área do saber na formação do pensamento crítico. De origem grega, a palavra “filosofia” significa “amor pela sabedoria” (do grego *philo* = amizade, amor + *sophia* = sabedoria). De acordo com Chauí (2010), a filosofia trata-se de uma atividade do pensamento que tenta entender com profundidade a realidade, incluindo aqui os valores humanos, o conhecimento e a própria existência. Filosofia, neste sentido, não possui, portanto, uma definição única e definitiva, pois pode ser entendida sob diferentes perspectivas, como: visão de mundo, sabedoria de vida, compreensão do universo como uma totalidade ordenada e dotada de sentido ou como fundamentação teórica e crítica dos conhecimentos e práticas.

O pensamento filosófico ocidental que se contempla hoje nem sempre foi intrincado na razão. Os primeiros filósofos viveram por volta do século VI a.C. e, mais tarde, foram classificados como pré-socráticos, porque a filosofia grega centraliza-se

na figura de Sócrates (470 a.C.–399 a.C.), sendo o marco que a elevou a um novo plano, através da preocupação com o homem e sua alma.

As autoras Aranha e Martins (1986), narram que a preocupação dos primeiros pensadores leva à elaboração de uma cosmologia³, ou seja, na medida em que buscam a racionalidade do universo e não mais uma cosmogonia⁴, como nos relatos míticos ocorre uma ruptura entre *mythos* e *lógos*. Portanto, na passagem do mito à razão, surge a abordagem do real e notamos a vinculação entre filosofia e ciência. O próprio teor das preocupações dos primeiros filósofos é de natureza cosmológica, de maneira que, na Grécia, o filósofo é também o homem do saber científico.

Reale (1990), discorre que Sócrates revolucionou o saber filosófico grego até os dias atuais, ampliando os saberes dos fenômenos cosmológicos, enfatiza que a felicidade não pode vir das coisas exteriores do corpo, mas somente da alma porque esta, e só esta, é a sua essência, e a alma é feliz quando é ordenada, ou seja, virtuosa. Sócrates dizia assim que vale a pena ser virtuoso, porque a própria virtude já constitui enfim. Há aqui uma noção complexa que para muitos só pode ser expressa metaforicamente: a de Bem. O bem era fonte de valor, conhecimento, ser e verdade.

Segundo Aranha e Martins (1986), Sócrates viveu em Atenas no século V a.C. Contam que era um homem feio fisicamente, mas que falava com fascínio e passava horas discutindo em praça pública. Interpelava os transeuntes, dizendo-se ignorante, e fazia perguntas aos que julgavam entender determinado assunto. Com isso, Sócrates conseguiu rancorosos inimigos, mas também alguns discípulos com seus métodos. As autoras relatam que a segunda parte do seu método, a maiêutica, propunha a destruição da ilusão do conhecimento, que nem sempre levava, de fato, a uma conclusão efetiva. Sabe-se disso não pelo próprio Sócrates, que nunca escreveu.

Aranha e Martins (1986), observam que Sócrates não esteve em gabinete, mas na praça pública, que as relações com as pessoas não eram alheias às emoções, nem puramente intelectuais e que o seu conhecimento não é livro, mas vivo, em processo de se fazer, o conteúdo é a experiência cotidiana. Ao criticar o saber dogmático, não quer dizer que ele próprio fosse detentor de um saber. Sócrates desperta as consciências adormecidas, mas ele não é um farol que ilumina, o caminho

³ Ciência que estuda a estrutura, a evolução e a composição do universo.

⁴ O termo tem origem em duas palavras gregas: *cosmos*, que significa "universo", e *gignomai*, que remete ao "nascimento". Refere-se a um relato que busca explicar tanto a criação e a organização do mundo quanto o surgimento dos seres humanos.

novo deve ser construído pela discussão, pela busca criativa das soluções, que é intersubjetiva.

Sócrates foi condenado à morte, acusado de corromper a mocidade e de ser ímpio contra os deuses da cidade. Enquanto aguardava a execução da sentença, discutia com seus discípulos a respeito da imortalidade da alma. Assim, ele é considerado subversivo, porque perturbava a ordem do conhecer e do fazer de seu tempo e, portanto, deveria morrer.

Sócrates foi um dos filósofos que mais se destacou em sua época. Foi ele quem atribuiu sentido à palavra “filosofia”. Os pensamentos socráticos foram disseminados na obra de Platão (2017), um de seus discípulos. O diálogo socrático era definido por meio da argumentação, com o propósito de provocar situações com resoluções praticamente impossíveis, mas que conduziam à curiosidade por uma conclusão. Esse método ficou conhecido como maiêutica.

A maiêutica socrática oferece uma abordagem reflexiva e dialógica, incentivando o desenvolvimento do pensamento crítico e autônomo dos educadores e educandos. Consiste em uma prática do diálogo, que utiliza perguntas como meio para levar o interlocutor a buscar a verdade sobre determinado assunto e a reflexão moral. Utiliza-se basicamente o diálogo, buscando a interlocução com aqueles que se dizem sábios; a estes, Sócrates fazia perguntas do tipo: “O que é a felicidade?”, “O que é coragem?” O objetivo era fazer o interlocutor voltar-se para si, a fim de obter autoconhecimento.

Sócrates, em seus debates, entendia que ele próprio ao menos sabia algo a mais que os mais sábios, ele sabia que não sabia, e ficou conhecido por sua famosa frase: “Sei que nada sei.” Com essa prática de duvidar do próprio conhecimento, fazia um parto das ideias, ou seja, fazer surgir os pensamentos naqueles que o possuem sem o saber.

Segundo o Dicionário de Filosofia, de Abbagnano (2007), Sócrates compara seus ensinamentos com a arte de dar luz aos pensamentos.

Remetendo ao conceito de maiêutica:

MAIEUTICA (gr.M.oaiemxti xé^vri; in. Maieutics-, fr.Maicutique; ai. Müeittik; it. Maieulica). Arte da parteira; em Teeteto de Platão, Sócrates compara seus ensinamentos a essa arte, porquanto consiste em dar a luz conhecimentos que se formam na mente de seus discípulos: 'Tenho isso em comum com as parteiras: sou estéril de sabedoria; e aquilo que há muitos anos censuram em mim, que interrogo os outros, mas nunca respondo por mim por que não tenho pensamentos sábios a expor é censura justa' (Abbagnano, 2007, p. 637).

Para Sócrates, não é através da expansão e satisfação da natureza física, por mais restrita que esteja por vínculos e exigências sociais, que o homem pode alcançar a harmonia com o ser, mas sim pelo domínio completo sobre si próprio, de acordo com a lei que ele descobriu no exame da sua própria alma. Os gregos, observa Jaeger (1995, p. 547), “falavam que virtude (areté) significa o que torna as coisas boas e perfeitas, no que é, ou, melhor ainda, significa aquela atividade ou modo de ser que aperfeiçoa cada coisa, fazendo o ser o que deve ser.”

Para Sócrates, segundo Reale (1990), esse elemento é a ciência ou o conhecimento. Portanto, um professor deve ser virtuoso em si e em seus métodos de ensino, visando à plenitude do corpo e da alma. Neste sentido, Jaeger (1995) destaca que: “A grande novidade que Sócrates trazia era a busca na personalidade, no caráter moral, a medula da existência humana, em geral, e a da vida coletiva, em particular” (Jaeger, 1995, p. 540).

Jaeger (1995), registra os feitos do precursor da moral ética social, Sócrates, que influenciou nos dias modernos o sentido do pensamento ético e pode-se encontrar nos homens virtuosos. A figura de Sócrates torna-se o eixo da história da formação do homem grego pelo seu próprio esforço.

A ênfase de Jaeger (1995) na maiêutica de Sócrates está ligada ao conceito de que a verdadeira busca pela educação deve envolver a busca pela verdade e pela sabedoria de maneira ativa, com o aluno participando de forma crítica e reflexiva no processo de aprendizagem. Jaeger (1995), vê a maiêutica socrática como um método educacional que valoriza a busca interior e a autoconsciência, uma característica central do projeto de educação na Grécia antiga e marcante na pedagogia de Sócrates.

Segundo Jaeger (1995), Sócrates não ensinava diretamente o conteúdo, mas, ao contrário, conduzia o interlocutor a uma reflexão profunda sobre o que ele já sabe ou pensa, por meio de perguntas para poder chegar às suas próprias conclusões, revelando assim o conhecimento que estava oculto em sua própria mente. Essa abordagem é vista como parte de uma educação mais profunda, que visa não só formar o indivíduo intelectualmente, mas também valoriza a ideia de que a educação não deve ser um processo unidirecional, em que o professor impõe o conhecimento, mas sim um processo dialógico, onde o aluno, por meio de perguntas e respostas, vai construindo o seu próprio entendimento.

Nesta mesma compreensão, Reale (1990) discute a maiêutica em suas obras, principalmente ao analisar a filosofia de Sócrates, e reforça que a maiêutica é um método desenvolvido por Sócrates, consiste em ajudar o interlocutor a descobrir a verdade por meio de perguntas e respostas, ao invés de simplesmente transmitir conhecimento. O autor enfatiza que essa abordagem visa despertar o conhecimento que já está latente na alma do ser humano. Sócrates conduz a conversa de forma a estimular o outro a pensar e perceber as contradições em seus pensamentos. Ele também associa a maiêutica à ideia de que o conhecimento não é algo a ser transmitido de forma passiva, mas sim algo que deve ser descoberto e elaborado pelo próprio sujeito, a partir de sua própria reflexão, “dar à luz” o conhecimento que já está potencialmente dentro dele.

Em relação a ideia de “dar a luz”, Platão (1973), comenta:

Dizem que a causadora disso é Ártemis: por nunca haver dado à luz, recebeu a missão de presidir aos partos. As estêreis de todo, ela não concede a faculdade de partejar, por ser fraca em demasia a natureza humana, para adquirir uma arte de que não tenha experiência. As que já passaram de idade foi que ela concedeu esse dom, para honrar nela sua imagem (Platão, 1973, p. 29).

Mas o que parir tem a ver com ensinar? O ofício de parir, neste caso, vem provocar uma reflexão e trazer à tona uma analogia feita já na Antiguidade, quando Sócrates comparava a atividade da parteira com a do educador, o que ajuda a dar luz às ideias já fecundadas pelos próprios alunos, mas com a necessidade de auxílio para concebê-las. Uma das mais notórias parteiras da história Ocidental era Fanareta, que trouxe à vida muitos cidadãos atenienses; porém, não foi somente o seu ofício que a tornou conhecida, mas o fato de ela ser progenitora de um dos maiores pensadores da filosofia, Sócrates.

Reale (1990), destaca que a maiêutica não é apenas um método de ensino, mas uma prática filosófica profunda que busca fomentar a autoexploração e a autocompreensão. Para Sócrates, a verdadeira sabedoria não está no acúmulo de informações externas, mas na capacidade de questionar e examinar criticamente o mundo e a si mesmo. Assim, também vê a maiêutica como um método essencial para o desenvolvimento do pensamento crítico e da filosofia, colocando uma metodologia central na filosofia socrática, que busca a descoberta da verdade por meio do diálogo e da reflexão, valorizando a participação ativa do indivíduo no processo de aprendizagem.

A verdadeira arma de que o homem dispõe é a sua razão, portanto, a persuasão, se tornou seu método, fundamentalmente de natureza ética e educativa. De acordo com Reale (1990), a natureza do método dialético de Sócrates e sua finalidade eram totalmente éticas e educativas. Em suma, ao dialogar com Sócrates, o ser humano era levado ao “exame da alma” e à prestação de contas da própria vida, ou seja, um “exame moral”, um exame de si mesmo, preocupando-se com a essência humana, servindo para o bem comum, colocando o homem em estado de investigação, sobre si, sobre os outros e sobre as coisas (Reale, 1990, p. 96).

Sócrates, como afirma Reale (1990), acreditava que ele mesmo não detinha o conhecimento filosófico, mas teria a habilidade de retirar o conhecimento de outras pessoas. Baseado na arte do diálogo e na desconstrução dos argumentos, Sócrates buscava alcançar a definição mais precisa dos conceitos, atingindo a verdade. Nisso, a educação se tornou a peça-chave do funcionamento da cidade, e o educador deveria ser, no sentido forte da palavra, um filósofo.

Ghiraldelli Jr. (1996), em seus estudos sobre filosofia, aborda a maiêutica socrática como o método central para a busca do saber verdadeiro, através do questionamento e provocações que desafiam ideias pré-concebidas. O filósofo, como Sócrates, conduz a conversa de forma a estimular o outro a pensar e perceber as contradições em seus pensamentos.

Ao observar a intenção do método maiêutica, entende-se mais sobre a sabedoria e grandiosidade de Sócrates, pois o que alguns viram como um problema no método, na verdade trata-se da intenção dele. Segundo Reale e Antiseri (2003), o filósofo, mesmo sem ter essa intenção não restringe seu legado apenas aos atenienses, mas o expande para além da Grécia, fazendo com que, junto com a descoberta da essência do homem, o indivíduo possa declarar sua própria autonomia, através do ato de pensar, ser e agir.

A partir da descoberta de que a essência do homem estaria na alma do próprio indivíduo, a verdadeira virtude no conhecimento, e os princípios que norteiam a ética na liberdade interior, somados ao “ensino” da maiêutica, temos a aclamação do homem como sujeito autônomo. Por isso, Reale e Antiseri (2003) afirmam que toda a civilização ocidental é herdeira dos ensinamentos de Sócrates. A maiêutica, como protagonista neste sentido, é um dos métodos que mais contribui para a formação de sujeitos pensantes. Elaborada pelo filósofo na Antiguidade Clássica grega, remete-se às propostas de ensino surgidas na modernidade e seguidas na contemporaneidade,

caracterizadas pela busca por um ensino voltado ao diálogo, com o educador assumindo a responsabilidade de inquietar o estudante, tirando-o de sua zona de conforto. Ou seja, o educando é motivado a conceber as ideias, enquanto o professor seria o “parteiro” delas.

O diálogo entre Sócrates e seus interlocutores era praticamente uma dissecação da alma (*psyché*), além de uma análise moral das atitudes desenvolvidas na vida do indivíduo, o exame moral e o exame da alma (Reale; Antiseri, 2003). O interlocutor se via envolvido no discurso filosófico de Sócrates e, sem querer, era praticamente levado a relatar suas ações, desvendando sua alma. Esse método, segundo Reale e Antiseri (2003), foi a verdadeira razão de seu julgamento e condenação à morte, pois muitos de seus acusadores queriam escapar do método, uma vez que inevitavelmente teriam suas almas “despidas” para prestar contas de seus atos morais.

De acordo com os autores:

Para Sócrates a alma é o eu consciente, ou seja, a consciência e a personalidade intelectual e moral. Conseqüentemente, com essa descoberta, como foi justamente salientado, Sócrates criou a tradição moral e intelectual sobre a qual a Europa espiritualmente se construiu (Reale; Antiseri, 2003, p. 95).

Seu método de ensinar atraía multidões, principalmente os jovens, que se maravilhavam com a forma de ensino desenvolvida. Nem todos gostavam desse método, pois, além de muitas pessoas não se sentirem confortáveis para admitir sua ignorância, Sócrates era uma figura conhecida, que estava atraindo jovens para se tornarem cidadãos pensantes. E, como sabe-se, em todo período histórico, a formação de indivíduos pensantes e críticos não é o desejo de nenhum governante. Conforme Reale e Antiseri (2003), neste período a Grécia passava por fortes transformações políticas, de acordo com as quais, para os governantes de Atenas, a formação dada pelo filósofo era um incômodo.

O que Sócrates almejava com a maiêutica era a possibilidade de conhecer e aprender com as certezas dos indivíduos com quem dialogava, “descobre que o saber e a ignorância não são duas realidades opostas, mas que ambos se inserem num processo de descoberta da verdade” (Gauthier; Tardif, 2010, p. 51). Assim, através da demonstração da própria ignorância humana e de seus limites, o indivíduo procura, por meio da verdadeira aprendizagem, completar o seu saber.

Imortalizado em diferentes obras, o criador do método maiêutica nos lega muitos ensinamentos, transmitidos através dos escritos de seus discípulos e até mesmo de seus inimigos. Jaeger (1995), afirma que o filósofo é uma das figuras imortais da história, convertido em símbolo, já Reale e Antiseri (2003, p. 93) relatam Sócrates como “pregador leigo, exercendo imenso fascínio não só sobre os jovens, mas também sobre os homens de todas as idades, o que lhe causou inúmeras aversões e inimizades.”

A história ocidental tem algo que deveria impressionar as pessoas, pois o homem que representa a história intelectual ocidental é Sócrates, o filósofo que afirmava que não ensinava nada e estava neste mundo para aprender. Segundo Gauthier e Tardif (2010, p. 50), Sócrates foi “o primeiro mestre que ousou defender sua própria ignorância, introduzindo assim um novo tipo de busca pela verdade.”

Entendendo a maiêutica socrática como uma prática filosófica fundamentada no diálogo e na reflexão crítica, conforme foi discutido neste capítulo, é importante ressaltar que se trata de uma abordagem com grande potencial no que diz respeito à formação do pedagogo, que está comprometido com a emancipação do sujeito.

Quando propõe o autoconhecimento como caminho essencial para o aprendizado, esse método é capaz de transformar o papel do educador, porque este deixa de ser um simples transmissor de conhecimento e passa a atuar como um mediador do pensamento crítico. Assim sendo, a maiêutica contribui para uma educação centrada no estudante, o professor passa a ser agente de transformação ao estimular a autonomia dos indivíduos, a capacidade crítica e o desenvolvimento ético destes que são sujeitos em formação. O presente estudo não é substituição de um método de ensino por outro, mas sim, evidenciar como a Maiêutica desenvolvida por Sócrates, pode contribuir, nos dias de hoje, para a formação de alunos críticos. Esta discussão segue no segundo capítulo.

2 A FORMAÇÃO CRÍTICO-REFLEXIVA DO PEDAGOGO PARA A TRANSFORMAÇÃO SOCIAL: UM DIÁLOGO COM A PEDAGOGIA LIBERTADORA DE PAULO FREIRE

Além de Sócrates que na Antiguidade já atuava para aqueles que escutavam seus ensinamentos, para que pensassem de modo crítico, colocando-os no centro da aprendizagem, na atualidade, igualmente um grande educador tem como propósito tais ideias.

O educador e filósofo Paulo Freire (1921-1997) é patrono da educação no Brasil e referência na educação mundial, um dos maiores defensores de que o objetivo da educação é ensinar o aluno a “ler o mundo para poder transformá-lo” (Freire, 1991, p. 86). Para ele os educadores devem levar os alunos a conhecerem os conteúdos, não como verdade absoluta, mas sempre levando em conta o sentido central do educando na construção do seu próprio aprendizado.

Para Freire (1991):

Ninguém começa a ser educador numa certa terça-feira às quatro da tarde. Ninguém nasce educador ou marcado para ser educador. A gente se faz, educador, a gente se forma, como educador, permanentemente, na prática e na reflexão sobre a prática (Freire, 1991, p. 58).

Nascido no ano de 1921, na cidade de Recife, Paulo Reglus Freire aprendeu com os pais a ler e a escrever, na casa onde nasceu. A família mudou para a cidade de Jaboatão, quando Freire tinha oito anos. Aos treze, seu pai faleceu, fato que interrompeu seus estudos por três anos, quando foi cursar o ginásio. Alguns anos mais tarde, ingressa na faculdade de Direito da cidade do Recife-PE.

Segundo a carta de Paulo Freire aos professores (Freire, 2001), o ponto de partida do modelo pedagógico, foi o estudo da linguagem do povo. Em virtude da sua ligação com o Movimento de Cultura Popular (MPC) do Recife veio a ser um dos fundadores do serviço de extensão Cultural da Universidade do Recife onde, também, foi seu primeiro diretor. Apesar desses trabalhos serem notáveis, foi a elaboração de seu método de alfabetização, que apresentou em 1958, que o tornou referência no país e no mundo. Começou a ter maior expressão com as experiências iniciadas no Rio Grande do Norte, ao alfabetizar 300 trabalhadores em 45 dias em 1962.

A partir daí, sua trajetória não foi mais a mesma. No ano seguinte, ainda segundo a carta de Paulo Freire aos professores (Freire, 2001), ele foi solicitado a repensar a alfabetização de adultos no Brasil, pelo então Presidente da República João Goulart. Infelizmente o golpe militar reprimiu qualquer mobilização social e interrompeu os trabalhos voltados a educação libertadora de Freire. Por conta disto foi acusado de comunista, preso e exilado do Brasil por 16 anos. Nesses anos fora do Brasil, encontrou acolhida e incentivo em diversos países do mundo para continuar mudando a educação.

Mas é importante salientar que Freire desenvolveu uma pedagogia, denominada pedagogia libertadora, a partir da sua atuação no campo da educação extraescolar. Libâneo (2014), explica que:

Não é próprio da pedagogia libertadora falar em ensino escolar, já que sua marca é a atuação “não formal”. Entretanto, professores e educadores engajados nos ensinamentos escolares vêm adotando pressupostos dessa pedagogia. Assim, quando se fala na educação em geral, diz-se que ela é uma atividade na qual professores e alunos mediatizam pela realidade que apreendem e da qual extraem o conteúdo de aprendizagem, atingem um nível de consciência dessa mesma realidade, a fim de nela atuarem, num sentido de transformação social. [...] O caráter essencialmente político da sua pedagogia, o que, segundo suas próprias palavras, impede que ela seja posta em prática em termos sistemáticos, nas instituições oficiais, antes da transformação da sociedade (Libâneo, 2014, p. 34-35).

O legado educacional de Paulo Freire é gigantesco, uma vez que rompe com as barreiras do ensino dogmatizado, critica a posição de educadores e escolas que mantêm a política de exclusão educacional em nosso país a partir de métodos de ensino que privam o aluno a pensar de forma autônoma, e critica a educação bancária.

Freire (1987) afirma que:

A concepção e a prática da educação que vimos criticando se instauram como eficientes instrumentos para esse fim. Daí que um de seus objetivos, fundamentais, mesmo que dele não estejam advertidos, muitos do que a realizam, seja dificultar, em tudo, o pensamento autêntico. Nas aulas verbalistas, nos métodos de avaliação dos “conhecimentos” no chamado “controle de leitura”, na distância entre os educadores e educandos, nos critérios de promoção, na indicação bibliográfica, em tudo, há, sempre a conotação “digestiva” ao pensar verdadeiro (Freire, 1987, p. 41).

Essa crítica expressa nas obras de Freire sobre a educação é chamada de educação bancária, se dá porque a vê como uma das causas da perpetuação das desigualdades sociais, gerada e acentuada pela desigualdade educacional. Contrapondo a este modelo de educação ele propõe uma educação voltada a

liberdade e a problematização, denominada pedagogia libertadora. Essa tendência pedagógica se opõe ao depósito ou transferência de conhecimentos por parte do professor, que concebe os alunos como receptores passivos de conteúdo, não estimulados a resolução de problemas e nem a construção de um pensamento crítico. Freire (1987) refere-se a sua pedagogia como a que serve para a libertação do aluno, em oposição à educação bancária, que serve para sua dominação.

Esse legado social construído pelo filósofo, através de seu ativismo por uma educação que possa transformar a realidade vivida é transmitida constantemente, a partir do momento em que um professor entende a realidade do seu aluno e a respeita, utilizando de seus saberes prévios para a construção de um novo conhecimento. Por isso Freire (1996), propõe uma educação através do diálogo sobre a realidade social, articulando o conteúdo às experiências comuns do cotidiano dos alunos, tornando assim o aprendizado muito mais significativo. Neste sentido, Freire questiona: “Por que não estabelecer uma necessária ‘intimidade’ entre os saberes curriculares fundamentais aos alunos e a experiência social que eles têm como indivíduos?” (Freire, 1996, p. 17). Essa proposta educativa ressalta a importância do despertar do aluno para a curiosidade, sendo está uma inquietação que fomenta um aprendizado ativo.

De acordo com a análise de Libâneo (2014) sobre os conteúdos de ensino:

Denominados "temas geradores", são extraídos da problematização da prática de vida dos educandos. Os conteúdos tradicionais são recusados porque cada pessoa, cada grupo envolvido em uma ação pedagógica, dispõe, em si, próprios, ainda que de forma rudimentar, dos quais se alimenta. O importante não é a transmissão de conteúdos específicos, mas o despertar de uma nova forma de relação com a experiência vivida (Libâneo, 2014, p. 34-35).

Freire (1996), reforça a ideia de que o educador deve atuar na perspectiva libertadora, transformadora, para que o indivíduo seja capaz de intervir na realidade em que vive. Ele acredita na educação como uma forma privilegiada de intervir no mundo e mudar a ideologia dominante e sua reprodução. Como expressa Freire (1996): “Outro saber que de não posso duvidar um momento sequer na minha prática educativa-crítica é o de que, como experiência, especificamente humana, a educação é uma forma de intervenção no mundo” (Freire, 1996, p. 51).

Em todo legado deixado por Paulo Freire, tanto educacional como social, percebe-se o quanto o educador destaca a importância do diálogo em todo o processo

educativo. Nesse sentido, o diálogo deve estar presente nas situações de ensino, fomentar a discussão em sala de aula faz o educador ser formador de indivíduos criticamente capazes de posicionar-se no mundo em que vivem.

Nesse sentido, é fundamental que o professor esteja preparado para trocar conhecimentos, estando apto, portanto, para escutar e dialogar com seus educandos, compreendendo que a prática educativa é uma construção conjunta, marcada pelo compartilhamento de saberes, experiências, entendida como viver a abertura respeitosa aos outros e, de quando em vez, de acordo com o momento, tomar a própria abertura ao outro como objeto de reflexão crítica, que deveria fazer parte da aventura docente. Para Freire (1996) “A razão ética da abertura, seu fundamento político, sua referência pedagógica; a boniteza que há nela, como viabilidade do diálogo. Me sinto seguro porque não há razão para me envergonhar por desconhecer algo” (Freire, 1996, p. 69). Assim, testemunhar a abertura para os outros, a disponibilidade curiosa à vida, a seus desafios do ensino, e ao mesmo tempo, o maior legado de Freire é o saber ouvir o outro, estar aberto a propor diálogos que construam novos saberes, unindo a discussão de conteúdos à reflexão sobre eles, para que assim possa mudar juntos a realidade social, política e ideológica que se apresenta em nossa sociedade.

Para Freire (1987), a liberdade não é conquistada de forma isolada, individual, deve-se despertar a consciência para a necessidade de transformação da realidade na qual os indivíduos estão inseridos e para tal é importante a formação de sujeitos críticos. Realçando a importância da união para a transformação acontecer, Freire apresenta a famosa frase, que intitula um capítulo da obra *Pedagogia do Oprimido*. “Ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho: os homens se libertam em comunhão” (Freire, 1987, p. 33).

A pedagogia libertadora tem esse caráter de mudança da realidade social, neste sentido, Freire (1987) visiona uma educação que contribua para os oprimidos pensarem criticamente, se posicionarem e se verem como seres inacabados e inseridos na sociedade em que vivem. Sendo o processo de libertação coletivo, atuam na libertação de outros, que ainda se encontram no estado de inerência. Com base em conhecimentos prévios, que agregam sentido ao que se está sendo aprendido, num contexto em que o diálogo acontece para encorajar o estudante a querer mais, a criar mais, a ser mais humanizado, a libertação acontece na sua totalidade, pois não

há, na sala de aula, opressores e oprimidos, mais seres promotores de uma sociedade menos desigual.

Para Freire (1996), o diálogo é essencial no processo educativo, devendo o educador estar sempre disponível para troca de conhecimentos com os educandos. Freire (1996), aponta a postura esperada de um educador revolucionário, demonstrando na prática a necessidade de analisar um determinado fato, expor a sua opinião, sem nunca se colocar na posição de saber de tudo. Mas através do diálogo, expor a necessidade aos educandos aberto a ouvir também e de tomar uma postura crítica frente aso problemas enfrentados. Essa postura aberta a ouvir é também encontrada em Sócrates, expressa na clássica frase: “Só sei, que nada sei”.

Voltando novamente à Antiguidade Clássica, o Sócrates professor não ensina transmitir somente o que sabemos, aos estudantes, para que eles aprendam de forma passiva, mas sim, fomentar e instigar o nascimento de seus próprios conhecimentos. Nesse sentido, o professor atua como mediador do conhecimento, pois ajuda no “parto” de um conhecimento “já fecundado”. A filosofia torna-se mais rica pelo fato da possibilidade de unir as pessoas em busca do conhecimento. Segundo Abbagnano (2007), a importância do diálogo no período da filosofia clássica grega seria um dos fatores que explica a falta de registros escritos por parte do filósofo Sócrates. Para Abbagnano (2007), pode-se afirmar que o diálogo se apresenta “de modo mais ou menos claro, em todas as formas da dialética” (Abbagnano, 2007, p. 275). O autor sugere, que mesmo tratando-se de diálogo, não se pode excluir seu caráter investigativo, pois trata-se da filosofia que apresenta essa característica.

Atualmente a escola é o espaço formal da formação intelectual do homem, é neste espaço que se deve aproximar os conhecimentos com a filosofia questionadora e a formação integral, portanto, unificando a consciência do homem virtuoso e eticamente comprometido consigo e a sociedade.

A prática do ensino de Freire parte de um educador engajado na luta pela mudança, sendo seu papel de extrema importância para que a proposta libertadora se torne amplamente aceita e praticada. Percebe-se assim o sentido do professor humanista.

Sua ação, identificando-se, desde logo, com a dos educandos, deve orientar-se no sentido da humanização de ambos. Do pensar autêntico, e não no sentido da doação, da entrega do saber. Sua ação deve estar infundida da profunda crença nos homens. Crença no seu poder criador (Freire, 1987, p. 40).

Muito se fala em sujeito crítico, aluno crítico, ensino voltado para a criticidade, mas o que esses conceitos expressam? Que alunos se quer formar nas salas de aula? Para um sujeito ser crítico, ele precisa aprender a ser crítico, a partir daí temos um ensino capaz de “fecundar” e “parir” um sujeito crítico autônomo e consciente de sua cidadania. No dicionário de Abbagnano (2007), encontra-se o conceito de criticismo, que seria um dos pontos chave da filosofia moderna e contemporânea, formulada por Kant. Abbagnano (2007) aponta resumidamente os pontos da doutrina criticista de Kant:

[...] Formulação *crítica* (v.) do problema fisiológico e, portanto, condenação da metafísica como esfera de problemas que estão além das possibilidades da razão humana. 2- Determinação da tarefa da filosofia, como reflexão sobre a ciência e, em geral, sobre as atividades humanas, a fim de determinar as condições que garantem (e limitam) a validade da ciência e, em geral das atividades humanas. 3 - Distinção fundamental, no domínio do conhecimento, entre os problemas relativos à origem e ao desenvolvimento do conhecimento no homem e o problema da validade do próprio conhecimento, isto é, distinção entre o domínio da psicologia (Kant disse “fisiologia”, Crit. R. Pura, 10) e o domínio logico-transcendental ou logico-objetivo, onde tem lugar a questão *de iure* da validade do conhecimento, insolúvel no terreno *de facto* (Abbagnano, 2007, p. 224).

Passa-se a entender de forma mais clara como o sujeito se torna crítico? Ele precisa aprender a ser crítico.

Pensando desta forma, percebe-se a idealização de uma sociedade utópica, pois a realidade que se apresenta, principalmente na sociedade brasileira, é muito diferente. Sendo assim, necessita da interferência da escola e da construção de uma pedagogia que liberte, que seja motivadora de mudanças no âmbito social. E o professor o mediador dialógico, que, por meio do questionamento e da escuta ativa, promove a reflexão crítica e a autonomia dos educandos. Nesse sentido, a escola pode se afirmar como espaço de transformação social, à medida que acolhe a realidade do aluno e a transforma em ponto de partida para a produção coletiva do conhecimento.

O educador precisa dar sentido ao ato de ensinar, não somente depositando conhecimentos, mas, sim construindo valores conjuntos através de experiências proporcionadas pelo ambiente educacional em que está inserido.

Por meio de uma educação que parta de experiência vivencial do sujeito para perceber a sua realidade e sentir-se capaz de interferir nela, é possível pensar em transformações. Freire (1987), ao afirmar que somente o aluno, conhecendo a

realidade em que está inserido e tendo noção do seu compromisso com a mudança desta realidade, ele será capaz realmente de efetivar, a necessária transformação social.

Freire (1987) define essa consciência transformadora como *práxis*: ação e reflexão dos homens sobre o mundo na tentativa de transformá-lo:

E é como seres transformadores e criadores que os homens, em suas permanentes relações com a realidade, produzem, não somente os bens materiais, as coisas sensíveis, os objetos, mas também as instituições sociais, suas ideias, suas concepções. [...] Através de sua permanente ação transformadora da realidade objetiva, os homens, simultaneamente, criam a história e se fazem seres histórico-sociais (Freire, 1987, n.p.).

Freire (1987), portanto, destaca a capacidade do ser humano de agir perante a realidade de maneira transformadora, ressaltando, assim sua natureza histórica e também social. Assim sendo, a educação não pode se reduzir a uma prática meramente técnica, pois está muito ligada ao processo de humanização e de produção da própria história. Entende-se que é justamente a partir dessa compreensão, de que o ser humano se faz no mundo e com o mundo, que nasce a necessidade de uma formação crítica. Tal formação deve ser capaz de desenvolver nos educandos uma leitura consciente da realidade e, especialmente, de suas contradições, promovendo que se insira como sujeitos ativos na transformação social.

O desejo de fomentar a criticidade no educando, é presente no pensamento do filósofo Sócrates e do educador Paulo Freire. Ambos abordam a necessidade de um ensino voltado para a construção de um indivíduo crítico, dotado de capacidade para intervir na sociedade em que vive. Sócrates, segundo Platão (2017), acusado de corromper a juventude da cidade de Atenas, dedicou sua existência a busca do conhecimento, ensinando aos jovens que o questionamento crítico do conhecimento preestabelecido poderia levar ao verdadeiro conhecimento.

Para Freire (1996), o pensamento crítico é uma conquista pedagógica e isso é importante porque é fruto de uma educação que problematiza, instiga e valoriza o saber do educando. Libâneo (2014), afirma que: “a educação problematizada de Freire se dá a partir da codificação de uma situação-problema, da qual se toma distância para analisá-la criticamente” (Libâneo, 2014, p. 36). A criticidade, portanto, não é algo que o sujeito já nasce dispondo algo espontâneo, mas é construída por meio de práticas educativas que desafiam o estudante a refletir sobre sua realidade, a questionar o conhecimento estabelecido e a construir sentidos próprios. Assim

sendo, o papel do educador nesse processo é fundamental, ele não transmite verdades prontas, mas cria condições para que o educando se perceba como sujeito capaz de interpretar, ler o mundo e agir sobre ele. Assim, a formação crítica vai além da memorização de conteúdos, ela implica o desenvolvimento de uma consciência histórica e política, essencial à emancipação individual e coletiva. Desta forma, em três momentos importantes do livro *Pedagogia da Autonomia*, Freire (1996) reforça este raciocínio: “Ensinar exige reflexão crítica sobre a prática” (Freire, 1996, p. 17); “Ensinar exige consciência do inacabamento” (Freire, 1996, p. 21) e em “Ensinar exige respeito à autonomia do ser do educando” (Freire, 1996, p. 24).

Essa ideia de que o pensamento crítico é construído intencionalmente por meio de uma prática pedagógica reflexiva e dialógica permite compreender por que Freire se opõe de forma tão enfática a educação bancária. Ao negar o papel ativo do educando na produção do conhecimento, esse modelo impede o desenvolvimento da autonomia e da consciência crítica do indivíduo, elementos essenciais à emancipação humana. Nesse contexto, aquele educador que se recusa a transformar sua prática em um espaço de escuta, diálogo e problematização, contribui, ainda que inconscientemente, para a manutenção de um sistema excludente. É por isso que, na obra *Pedagogia do Oprimido*, Freire (1987) denuncia esse tipo de educação como instrumento de opressão e propõe, em seu lugar, uma pedagogia libertadora, comprometida com a transformação da realidade social, revelando o caráter político de sua pedagogia.

Freire (1987) critica a educação “bancária”, afirmando que ela acentua a perpetuação da desigualdade de classes, diferenciando opressores e oprimidos, não somente pelo abismo econômico, mas também pela alienação educacional, propositalmente delegada aos oprimidos, impedindo-os de pensar criticamente. A pedagogia libertadora de Freire (1987) apresenta os problemas sociais como um desafio a ser superado.

Essa forma de busca pelo conhecimento centrada na ação humana, aproxima a contribuição de Sócrates, através do seu método dialético maiêutica e do educador Paulo Freire, que acredita e defende o papel da educação para a emancipação dos indivíduos, libertando-se da alienação imposta pela ideologia dominante e assim, poder ser um agente de mudança social na sua comunidade e na sociedade em geral.

Essa concepção de educação como um processo de libertação e de transformação, presente tanto na maiêutica socrática quanto na pedagogia freireana,

cria os pilares para uma prática docente que rompe com o modelo autoritário e transmissivo de ensino. Ao reconhecer que o saber não é algo fixo ou exclusivo do professor, mas construído na relação entre sujeitos, dialogicamente, ambos os pensadores colocam o educador numa posição de humildade intelectual e abertura para o novo. Neste aspecto, Paulo Freire (2001), ressalta sempre que o ato de ensinar não é unilateral, mas um movimento dialógico, horizontal, em que o próprio ensinante aprende ao ensinar, desde que esteja disponível a se observar com frequência e a se deixar levar até pela curiosidade e pelas perguntas dos educandos. Assim:

O aprendizado do ensinante ao ensinar não se dá necessariamente através da retificação que o aprendiz lhe faça de erros cometidos. O aprendizado do ensinante ao ensinar se verifica à medida em que o ensinante, humilde, aberto, se ache permanentemente disponível a repensar o pensado, rever-se em suas posições; em que procura envolver-se com a curiosidade dos alunos e dos diferentes caminhos e veredas, que ela os faz percorrer. Alguns desses caminhos e algumas dessas veredas, que a curiosidade às vezes quase virgem dos alunos percorre, estão grávidas de sugestões, de perguntas que não foram percebidas antes pelo ensinante. Mas agora, ao ensinar, não como um burocrata da mente, mas reconstruindo os caminhos de sua curiosidade – razão por que seu corpo consciente, sensível, emocionado, se abre às adivinhações dos alunos, à sua ingenuidade e à sua criatividade – o ensinante que assim atua tem, no seu ensinar, um momento rico de seu aprender. O ensinante aprende primeiro a ensinar mas aprende a ensinar ao ensinar algo que é reaprendido por estar sendo ensinado (Freire, 2001, p. 259).

A partir deste raciocínio, entende-se que Freire (2001) amplia a compreensão do processo educativo ao incluir o ato de estudar como um momento formativo essencial, tanto para quem ensina quanto para quem aprende. O estudo, longe de ser um exercício mecânico ou de pura memorização, é apresentado como uma atividade crítica e (re)criadora. Assim como a maiêutica socrática provoca o sujeito a extrair de si novas ideias, Freire entende o aprender como um exercício de leitura do mundo e da palavra, onde o aprendiz, seja ele estudante ou professor, é incentivado sempre a reinterpretar, ressignificar e reconstruir saberes. Estudar é, assim, um ato de liberdade que rompe com a passividade e exige curiosidade, envolvimento e abertura ao novo, o que reforça a concepção de que ensinar e aprender são processos indissociáveis e mutuamente formadores.

Dessa forma, ao compreender que tanto Paulo Freire quanto Sócrates reconhecem no diálogo um caminho fundamental para a formação crítica e emancipadora, é possível afirmar que os dois se encontram na defesa de uma educação que ultrapassa o ensino mecânico e verticalizado. Entendendo o

pensamento dos dois autores, é possível refletir que a maiêutica socrática e a pedagogia do diálogo freireana compartilham a convicção de que o conhecimento não deve ser imposto, mas sim, construído na relação entre os sujeitos. O professor, neste contexto, deixa de ser o detentor absoluto do saber e passa a assumir a postura de provocador de reflexões, alguém que a partir de perguntas e escuta ativa, colabora para que o educando descubra e ouça a sua própria voz.

Libâneo (2014), reforça essa ideia ao dizer sobre a relação professor-aluno:

[...] educador e educandos se posicionam como sujeitos do ato de conhecimento. [...] Trata-se de uma 'não-diretividade', mas não no sentido do professor que se ausenta [...], mas, que permanece vigilante para assegurar ao grupo um espaço humano para 'dizer sua palavra', para se exprimir sem se neutralizar (Libâneo, 2014, p. 36).

Desta forma, compreende-se que, assim como Sócrates, Freire acredita que é pelo reconhecimento da incompletude humana que se abre espaço para uma aprendizagem verdadeira. Tanto um quanto o outro ensinam que o saber não é uma doação, mas um processo partilhado, construído no exercício da reflexão acerca da realidade. A dita práxis freireana, entendida como ação e reflexão transformadora, se relaciona ao pensamento socrático, onde o sujeito, ao confrontar suas certezas se vê impelido a reconstruir suas ideias. Essa aproximação filosófica e pedagógica reafirma a importância de uma escola que promova o pensamento crítico, a escuta sensível e o diálogo permanente como bases para uma possível educação humanizadora. Sendo então, igualmente importantes para a formação crítica-reflexiva do pedagogo, para que também se engaje numa educação libertadora, virtuosa e que contribua para a justiça social e uma efetiva cidadania para todos. Uma educação em que o bem comum, coletivo, continue sendo uma função social de uma educação pública, para todos, democrática, plural, emancipadora.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer desta pesquisa, procuramos ressaltar de que maneira o método socrático da maiêutica, centrado na prática do diálogo reflexivo, pode tornar-se um importante instrumento na formação do pedagogo. Esta abordagem filosófica, que remete à antiguidade clássica, ganha uma considerável importância ao pensar o contexto atual da educação, contrapondo-se ao modelo de desenvolvimento de habilidades e competências requeridas pelo mercado, valorizando e promovendo o pensamento crítico, a autonomia intelectual e a construção coletiva do conhecimento. A maiêutica, ao convidar o educador e o educando para o autoconhecimento, ultrapassa significativamente a mera transmissão de conteúdos e propõe uma experiência formativa mais profunda e autônoma.

O aprofundamento nos estudos sobre a maiêutica socrática possibilitou a compreensão de que ensinar não pode ser um ato que se limita a apresentar respostas, mas deve, principalmente, provocar perguntas. Essa lógica, encontrada no método socrático contribuiu para a prática pedagógica do pedagogo em um ato de escuta ativa, em que o professor se coloca como mediador das descobertas do estudante, em um modelo educativo dialógico e horizontal. Nesse contexto, o conhecimento deixa de ser uma imposição verticalizada e passa a ser concebido como resultado de um processo coletivo de investigação e reflexão, alinhado com uma educação voltada para a emancipação humana.

Pensando na proximidade do método da maiêutica socrática com a realidade contemporânea, o presente estudo propôs o diálogo entre os pensamentos socráticos e a pedagogia libertadora de Paulo Freire. Pode-se perceber que os dois defendem uma educação que forme sujeitos críticos e conscientes de seu papel na transformação da sociedade. Para Freire, assim como para Sócrates, a educação nasce do diálogo e se concretiza na práxis, tornando-se, assim, possibilidade de liberdade, autonomia e justiça social.

Considera-se que o papel do pedagogo, portanto, é reavaliado a partir desses referenciais, não mais como um simples aplicador de conteúdos já estabelecidos, mas como alguém que compreende a complexidade do processo educativo e se compromete com a formação integral do ser humano. Tal postura, que não deixa de ter seu grau de complexidade, exige sensibilidade, ética e compromisso com a

construção de uma escola democrática, crítica e acolhedora, onde o conhecimento seja contextualizado e dialógico.

Vale ressaltar ainda que a formação continuada do professor é indispensável para que este possa se reconhecer como sujeito em constante construção. O educador que assume sua incompletude é aquele que está sempre disposto a aprender com o outro, a revisar suas práticas e a repensar e reinventar seu modo de ensinar. Nesse sentido, tanto Sócrates quanto Freire dirige-se ao pedagogo, convidando-o a reconhecer que o verdadeiro saber nasce do encontro entre pessoas que desejam crescer em conjunto.

Tal concepção de educação conduz a avaliar e a superar modelos engessados e desumanizados, que se distanciam das necessidades verdadeiras dos estudantes hoje. A escola precisa ser espaço de liberdade, de pensamento crítico, de troca de experiências e de desenvolvimento humano pleno. E para que isso aconteça é extremamente necessário que o professor compreenda seu papel político e social, sendo protagonista na luta por uma educação que liberte e não que oprima.

Assim sendo, o estudo reafirma o entendimento de que a maiêutica socrática, aliada aos princípios da pedagogia libertadora, representa uma valiosa contribuição para a construção de um novo fazer pedagógico. Um fazer que valorize a escuta ativa, o questionamento, a reflexão e o diálogo, como pilares para uma educação transformadora. Assim, ao despertar no educando o desejo de conhecer e se reconhecer, o educador contribui significativamente para a formação de sujeitos capazes de intervir na realidade de forma crítica, ética e solidária.

Tendo em vista os estudos realizados, avalio que os objetivos propostos nesta pesquisa foram alcançados, pois pude compreender e aprofundar os aspectos fundamentais discutidos ao longo do trabalho, que foram: investigar a contribuição da maiêutica socrática para a prática pedagógica, por meio de uma pesquisa bibliográfica centrada em autores que abordam essa temática, com o intuito de conceituar esse método e relacioná-lo à formação crítica-reflexiva no exercício da docência do pedagogo. Com efeito, o problema levantado foi respondido ao longo da análise, que consistia em compreender de que forma a maiêutica socrática pode contribuir para a formação do pedagogo.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ARANHA, Maria Lúcia; MARTINS, Maria Helena Pires. **Filosofando: introdução à Filosofia**. 4. ed. São Paulo: Moderna, 1986.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à filosofia**. 15. ed. São Paulo: Ática, 2010.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **A educação na cidade**. São Paulo: Cortez, 1991.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. Carta de Paulo Freire aos professores. **Estudos Avançados**, v. 15, n. 42, p. 259-268, 2001. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/9805>. Acesso em: 02 de nov. de 2020.

GAUTHIER, Clermont; TARDIF, Maurice. **A Pedagogia: teorias e práticas da Antiguidade aos nossos dias**. São Paulo: Vozes, 2010.

GHIRALDELLI Jr., Paulo. **O que é pedagogia**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1996.

JAEGER, Werner. **Paidéia**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

LIBÂNIO, José Carlos. **Democratização da escola pública: a pedagogia crítico-social dos conteúdos**. 28 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

PLATÃO. **Diálogos: Teeteto – Crátilo**. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Belém: UFPA, 1973. (Coleção Amazônia. Série Farias Brito, 9). 194 p. Disponível em: <http://livroaberto.ufpa.br/jspui/handle/prefix/101>. Acesso em: 30 de nov. de 2020.

PLATÃO. **Apologia de Sócrates: o banquete**. Tradução do grego e notas de Sueli de Regino. São Paulo: Martin Claret, 2017.

REALE, Giovanni. **História da filosofia antiga**. São Paulo: Loyola, 1990.

REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. **A história da filosofia**. São Paulo: Vozes, 2003.